



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA**

JÚLIA VITÓRIA MENEZES BEZERRA

**A CRÔNICA COMO RECURSO PEDAGÓGICO PARA O RESGATE DAS
MEMÓRIAS EM SALA DE AULA: UMA INTERVENÇÃO PARA O 9º DO ENSINO
FUNDAMENTAL II**

CAJAZEIRAS - PB

2022

JÚLIA VITÓRIA MENEZES BEZERRA

**A CRÔNICA COMO RECURSO PEDAGÓGICO PARA O RESGATE DAS
MEMÓRIAS EM SALA DE AULA: UMA INTERVENÇÃO PARA O 9º DO ENSINO
FUNDAMENTAL II**

**Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)
apresentado ao Curso de Licenciatura em
Letras/Língua Portuguesa, do Centro de
Formação de Professores da Universidade
Federal de Campina Grande – *Campus* de
Cajazeiras - como requisito de avaliação
para obtenção do título de licenciado em
Letras.**

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Rose Maria Leite de
Oliveira

CAJAZEIRAS - PB

2022

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)

B574c Bezerra, Júlia Vitória Menezes
A crônica como recurso pedagógico para o resgate das memórias em sala de aula: uma intervenção para o 9 do ensino fundamental II / Júlia Vitória Menezes Bezerra. - Cajazeiras, 2022.
47f. : il. -
Bibliografia.

Orientadora: Profa. Dra. Rose Maria Leite de Oliveira.
Monografia (Licenciatura em Letras-Língua Portuguesa) FCG/CFP, 2022.

1. Gênero textual. 2. Gênero crônica. 3. Memórias. 4. Usos da língua. 5. Interdisciplinaridade. 6. Linguagem. 7. Aulas de língua portuguesa. 8. Produção de crônica. I. Oliveira, Rose Maria Leite de. II. Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV. Título.

UFCG/CFP/BS

CDU – 81'42

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Denize Santos Saraiva Lourenço CRB/15-046


JÚLIA VITÓRIA MENEZES BEZERRA

**A CRÔNICA COMO RECURSO PEDAGÓGICO PARA O RESGATE DAS
MEMÓRIAS EM SALA DE AULA: UMA INTERVENÇÃO PARA O 9º DO ENSINO
FUNDAMENTAL II**

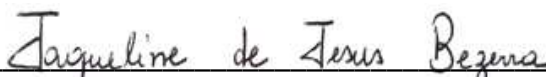
**Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)
apresentado ao Curso de Licenciatura em
Letras/Língua Portuguesa, do Centro de
Formação de Professores da Universidade
Federal de Campina Grande – *Campus* de
Cajazeiras - como requisito de avaliação
para obtenção do título de licenciado em
Letras.**

Aprovado em: __/__/__

Banca Examinadora:



Prof.^a Dr.^a Rose Maria Leite de Oliveira
(UAL/CFP/UFCG - Orientadora)



Prof.^a Dr.^a Jaqueline de Jesus Bezerra
(SEDUC–CE - Examinadora 1)



Prof.^a Dr.^a Hérica Paiva Pereira
(UAL/CFP/UFCG – Examinadora2)

Dedico a Deus, aos meus pais e amigos que me ajudaram nesta caminhada.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por me permitir entrar na graduação e ampliar meus horizontes dentro dela, conhecer amigos que levo no coração com muito carinho;

Aos amigos, que estiveram comigo escutando minhas lamentações e reclamações, estudando juntos para provas, conversando na cantina e me ajudando a produzir esta pesquisa, em especial a Cleiton, Marta, Kaliana, Tatiana, Janária, Aparecida e Marlysson;

A minha orientadora, Profa. Dra. Rose Maria Leite de Oliveira, por aceitar o convite para trilhar esta pesquisa e pela paciência;

A minha mãe, por estar sempre torcendo para que eu agarre as oportunidades que estão aparecendo e pelo apoio de sempre.

Ao programa Residência Pedagógica por proporcionar a mim a oportunidade de entrar no campo da docência em sala de aula e ao professor Daniel Dantas por estar na jornada acolhendo a nós, jovens nessa profissão;

À professora Erlane, pelas orientações para finalizar este trabalho, e

Por todos aqueles que diretamente ou indiretamente fizeram parte da jornada.

RESUMO

A presente pesquisa tem como foco a importância do trabalho com os gêneros textuais em sala de aula numa perspectiva interdisciplinar, sobretudo, porque permite ao aprendiz relacionar os diferentes usos da língua e da linguagem a outros saberes constituídos dialogicamente dentro e fora da escola. Um desses gêneros é a crônica, tomada aqui como instrumento rico para, através da leitura e da escrita, percorrer saberes de uma cidade, de um povo, de um momento, dentre outros, conhecimentos esses vivos na memória e na história de uma comunidade. Nessa direção, a presente pesquisa tem como objetivo geral investigar como a abordagem interdisciplinar, atravessada, sobretudo, pela dinamicidade dos gêneros textuais nas aulas de língua portuguesa, pode ser utilizada como ferramenta para discutir com os alunos os aspectos linguísticos, discursivos e históricos que os textos encerram. Partindo deste objetivo geral, foi elencado como objetivos específicos da investigação: a) apresentar as contribuições da abordagem dos gêneros textuais e da interdisciplinaridade para práticas exitosas nas aulas de língua portuguesa; b) discorrer sobre o papel social do gênero crônica para debater em sala de aula valores históricos, discursivos e sociais que envolvem os alunos, sobretudo, os da cidade de Cajazeiras-PB; c) propor uma sequência didática para alunos do Ensino Fundamental II com foco no trabalho interdisciplinar a partir do gênero crônica. Para desenvolvê-la, é pertinente as contribuições de Marcuschi (2008), Sá (2008), Dolz; Schneuwly (2010a), dentre outros. Quanto à metodologia, é uma pesquisa básica, exploratória, bibliográfica e qualitativa. Ao final da pesquisa, é importante trabalhar em favor de práticas com o ensino de língua portuguesa fundamentadas no trabalho com sequências didáticas, metodologia essa comprovadamente eficaz para o êxito dos aprendizes nos processos de leitura e de escrita. Como forma de valorizar os aspectos históricos de uma localidade e suas memórias, foi proposta uma sequência didática cujo plano de fundo é lançar um olhar interdisciplinar através da leitura e produção do gênero crônica em sala de aula.

Palavras-Chave: gênero crônica; memórias; interdisciplinaridade; ensino.

ABSTRACT

The present research focuses on the importance of working with textual genres in the classroom from an interdisciplinary perspective, above all, because it allows the learner to relate the different uses of language and language to other dialogically constituted knowledge inside and outside school. One of these genres is the chronicle, taken here as a rich instrument for, through reading and writing, exploring the knowledge of a city, a people, a moment, among others, knowledge that is alive in the memory and history of a community. In this direction, the present research has as general objective to investigate how the interdisciplinary approach, crossed, above all, by the dynamics of the textual genres in the Portuguese language classes, can be used as a tool to discuss with students the linguistic, discursive and historical aspects that the texts contain. Based on this general objective, we list as specific objectives of the investigation: a) to present the contributions of the textual genres approach and interdisciplinarity to successful practices in Portuguese language classes; b) to describe the social role of the chronicle genre to classroom discussion about historical, discursive and social values that involve students, especially those from the town of Cajazeiras-PB; c) to propose a didactic sequence for Elementary School II students with a focus on interdisciplinary work from the chronicle genre. To develop it, we started with the contributions of Marcuschi (2008), Sá (2008), Dolz and Schneuwly (2010a), among others. As for the methodology, it is a basic, exploratory, bibliographic and qualitative research. At the end of the research, we advocate practices with the teaching of Portuguese language based on working with didactic sequences, a methodology that has been proven to be effective for the success of learners in the processes of reading and writing. As a way of valuing the historical aspects of a locality and its memories, a didactic sequence was proposed whose background is to launch an interdisciplinary look through the reading and production of the chronicle genre in the classroom.

Keywords: Chronicle genre; memory; interdisciplinarity; teaching.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BNCC	-	Base Nacional Comum Curricular
CFP	-	Centro de Formação de Professores
IBGE	-	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IFPB	-	Instituto Federal da Paraíba
ISEC	-	Instituto Superior da Educação
LD	-	Livro Didático
LP	-	Língua Portuguesa
PB	-	Paraíba
SD	-	Sequência Didática
TCC	-	Trabalho de Conclusão de Curso
TDICS	-	Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação
UAL	-	Unidade Acadêmica de Letras
UFCG	-	Universidade Federal de Campina Grande
UNIP	-	Universidade Paulista
UNOPAR	-	Universidade Norte do Pará

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 LINGUA, MEMÓRIA E INTERDISCIPLINARIDADE	16
2.1 MEMÓRIA E LÍNGUA SOB O OLHAR DA INTERDISCIPLINARIDADE	16
2.2 A MEMÓRIA VIVA DE UM POVO: A CIDADE DE CAJAZEIRAS COMO FOCO	21
3 GÊNEROS TEXTUAIS E ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA	26
3.1 A ABORDAGEM DOS GÊNEROS TEXTUAIS	26
3.2 O GÊNERO <i>CRÔNICA</i> COMO FERRAMENTA DE INTERAÇÃO SOCIAL	29
3.3 A METODOLOGIA DA SEQUÊNCIA DIDÁTICA NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA PARA A EXPLORAÇÃO DOS GÊNEROS TEXTUAIS	33
4 PROPOSTA DE SEQUÊNCIA DIDÁTICA	36
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	42
REFERÊNCIAS	44

1 INTRODUÇÃO

A história de um povo é formada, principalmente, por pessoas que construíram ou realizaram algo e devem ser lembrados por diversos motivos, a exemplo de Mãe Aninha, mulher que deu à luz vários filhos e também ajudou no nascimento de várias outras crianças, na condição de parteira, tendo ficado conhecida por sua fé, caridade e por ser mãe do educador Padre Rolim, religioso de grande influência no crescimento da cidade de Cajazeiras-PB, sobretudo, pela criação da primeira escola da região (SOUZA, 2019).

Esse fato histórico vem, há décadas, influenciando de forma marcante o olhar de pais, educadores, historiadores e pesquisadores que veem em Padre Rolim importante compromisso social com a formação intelectual das pessoas que não tinham acesso à educação na região hoje conhecida como Cajazeiras-PB. O fato é que, por suas ações, o religioso, após longo período de formação e dedicação ao ensino, consegue imprimir à referida cidade a insígnia de “cidade que ensinou a Paraíba a ler”, sendo hoje um pensamento disseminado em todo o município por diversas frentes.

Mas o que isso tem a ver com o ensino de língua portuguesa (LP)? Ora, esse é um acontecimento histórico que certamente pode contribuir para o debate profícuo entre saberes, no âmbito de duas disciplinas – o Português e a História – e, nesse sentido, mostrar ao aprendiz que linguagem e história caminham juntas e nelas importantes relações sociais e discursivas representam saberes, cultura, memória e vida de um povo, é uma prática rica e apropriada para sua formação.

Ao defendermos esse pensamento, acreditamos que pesquisar maneiras de como levar à sala de aula práticas pautadas na perspectiva interdisciplinar de língua pode ser exitoso e gratificante para os alunos, pois sabemos que a maioria dos alunos tem curiosidade de saber e aprender sobre suas raízes, sobre as histórias contadas pelos pais e avós, pela comunidade, por pessoas que vêm de diferentes regiões.

Nesse contexto, a realidade de muitas escolas pelo Brasil a fora é de que seu público é formado por alunos que vêm de diferentes cidades, bairros ou regiões. De acordo com o *site* do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)¹, Cajazeiras-PB tem 62.289 habitantes, agregando cidadãos de outras cidades como Ipaumirim, Sousa, São José de Piranhas, dentre outras localidades de onde se deslocam diariamente para receber a educação oferecida por esse

¹ IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **População estimada**. Cajazeiras: IBGE, 2021. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/pb/cajazeiras.html>. Acesso em: 21 jul. 2022.

município, sem contar os alunos da própria cidade que também se locomovem para as escolas de bairros pobres aos mais abastados.

Com base nessa realidade, a presente pesquisa vem de um pensamento de que deveríamos conhecer mais sobre a cidade em que vivemos, suas histórias, sobre as pessoas que se destacaram, sobre sua política, enfim, conhecer como ela se tornou o que vemos hoje. No caso da cidade de Cajazeiras-PB, escutamos todos os dias em rádios, programas e propagandas que ela ficou conhecida como a “cidade que ensinou a Paraíba a ler”. Conforme mencionamos, ela se alicerçou na educação, quando Padre Rolim decidiu abrir uma escola na fazenda de mesmo nome onde passou a infância para transmitir seus conhecimentos àqueles que estavam interessados (SILVA, 2014).

É relevante esse resgate histórico e sobre memórias locais que são interessantes de serem inseridas em sala de aula de LP, sobretudo, porque ele se faz pelas práticas linguísticas e discursivas de uma comunidade. É importante que o professor tenha em mente que explorar estes aspectos, através do estudo dos textos, é valorizar o passado e compreender o quão importante foi a educação, e como essa educação foi determinante na consolidação de uma cidade com universidades e várias escolas que atendem alunos de Cajazeiras – PB, como também de cidades limítrofes.

Esse debate interdisciplinar é possível, segundo a Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2021), por tornar o conteúdo mais “dinâmico e interativo” e adaptá-lo para a realidade do alunado, transformando a sala de aula em um ambiente em que é possível discutir temas em que eles estão inseridos. Esses assuntos podem ser os mais variados possíveis e neles pode haver a interseção com outros conhecimentos a fim de que o aluno consiga compreender as conexões entre as áreas do saber e faça uso funcional destas em sua vida diária.

Assim, uma questão que se coloca nesta investigação é: em face das contribuições da linguística contemporânea e da educação, é possível ao professor de LP abordar o ensino de língua pautado numa perspectiva interdisciplinar? Se sim, essa abordagem pode contribuir para reflexões sobre o funcionamento da língua? Partimos da ideia de que a interdisciplinaridade é um processo que possibilita uma dinâmica interacional entre duas ou mais disciplinas distintas que promovem um ensino mais variado, bem como defendido pela BNCC, o que nos faz compreender que desenvolver práticas que privilegiem esse olhar pode contribuir significativamente para a formação linguística e discursiva do aprendiz.

Essa reflexão surgiu durante a participação no *Programa da Residência Pedagógica* do Centro de Formação de Professores (CFP) da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), enquanto bolsista. Neste programa, discentes de diferentes licenciaturas assumem

uma turma de ensino fundamental ou médio de uma escola parceira. Nessa experiência sentimos na pele como é ser professor e como é desafiador desenvolver práticas dinâmicas nas aulas de LP, principalmente em escolas públicas com salas numerosas. O que queremos dizer é que não é fácil trabalhar com os gêneros textuais, abordagem já bastante disseminada entre professores de línguas; sendo mais fácil somente ensinar a gramática e não pedir aos alunos que argumentem sobre o que leram, o que leva o jovem professor em formação a refletir sobre a prática docente.

Com as práticas de ensino de LP do *Programa Residência Pedagógica*, podemos confirmar a validade do trabalho com os gêneros textuais em sala de aula. Observamos que muitos alunos não queriam ler os textos propostos e que tinham dificuldades em escrever, o que nos chamou bastante a atenção e nos fez perceber que o incentivo à leitura e à escrita, pautados em abordagens interativas, é fundamental para que o aluno amplie sua visão e compreenda a importância do conhecimento.

A abordagem interativa dita acima não acontecia efetivamente no ensino da língua, muito menos a interdisciplinar. Antes de iniciarmos nas escolas, tivemos formações para nos ajudar a pensar em estratégias para usar em sala de aula; essas eram ligadas a tecnologias e o ensino de LP, a como adicionar as conhecidas TDICS (Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação) no ensino para que as aulas fossem mais produtivas. A prática com essas novas formas de refletir sobre a língua foi determinante para pensarmos nas contribuições que os alunos, com suas bagagens sócio-históricas, poderiam oferecer para o ensino se tornar mais atraente.

Percebemos, durante esse tempo de atuação no Programa, que muitos dos alunos não gostam de ler os textos propostos pelos professores, uma dificuldade comum já que muitos deles não chamam a atenção. Segundo a BNCC (BRASIL, 2021), as crianças têm convívio com a leitura desde a infância, sendo, pois, crucial na escola práticas leitoras condizentes com as curiosidades que elas já possuem fora dela, de modo a valorizar o que elas já conhecem. Assim, explorar textos que estão mais próximos de sua realidade pode chamar mais a atenção do aluno e levá-lo a ressignificar conteúdos diversos.

No tocante às práticas com a escrita, também se mostram um grande desafio na vida dos alunos os quais atendemos no Programa. A maioria não compreende que, ao ler também estão aprendendo a escrever; quando leem palavras que não pertencem a seu vocabulário em uso no dia a dia por exemplo, estão aumentando seu léxico. Não entendem o quanto é necessário estudar e trabalhar com vários gêneros textuais, porque isso permite que eles consigam se comunicar melhor e organizar suas ideias também.

Como afirma Marcuschi (2008), os gêneros textuais são as ferramentas através das quais nós, professores, podemos chamar atenção dos alunos no sentido de mostrar a real função da língua. Os alunos, ao lidarem com os gêneros textuais, estão observando como agir e interagir socialmente em diversas situações, como, por exemplo, ao se deslocarem para um supermercado, quando fazem uma lista de compras; numa ida ao médico, quando entram em contato com o gênero receita; na leitura de uma bula de remédio, que dispõe de inúmeras informações, dentre outras situações que poderiam ser infinitamente citadas aqui.

Nesse sentido, ao tomar pragmaticamente os textos que circulam em nosso meio, estamos aprendendo a viver em sociedade. Conforme pontua Marcuschi (2008), ensinar e explorar os gêneros textuais têm a intenção de compreender outros aspectos que não seja só a língua, como os propósitos do texto, a estrutura linguística usada, mas aspectos relacionados à vida dos alunos e da sociedade de modo geral. Um dos gêneros que pensamos ser útil neste processo é a *crônica*, gênero versátil e que pode permitir um trabalho interdisciplinar em sala de aula por sua natureza. Podendo ser lírica, narrativa, jornalística, dentre outras (SÁ, 2008), a *crônica* é terreno fértil para se explorar e dar relevância aos saberes coletivos dos alunos.

Segundo Koch e Elias (2009), a competência *metagenérica*, capacidade do aluno de saber usar os gêneros textuais de forma correta em situações diversas, deve ser alvo de apreensão em sala de aula. Assim, para que o aluno atinja essa competência, ele terá que aprender os diversos gêneros textuais em sala de aula, e o professor terá um papel importante; para isso, o docente poderá usar diferentes metodologias para auxiliá-lo. A abordagem dos gêneros textuais em sala de aula, associada a outras formas de conceber o ensino, como a interdisciplinar, parece, ao nosso ver, uma metodologia viável para desenvolver a competência acima referida.

Neste contexto, a presente pesquisa tem como objetivo geral investigar como a abordagem interdisciplinar, atravessada, sobretudo, pela dinamicidade dos gêneros textuais nas aulas de LP, pode ser utilizada como ferramenta para discutir com os alunos os aspectos linguísticos, discursivos e históricos que os textos encerram.

Partindo deste objetivo geral, elencamos os seguintes como objetivos específicos da investigação: a) apresentar as contribuições da abordagem dos gêneros textuais e da interdisciplinaridade para práticas exitosas nas aulas de LP; b) discorrer sobre o papel social do gênero *crônica* para debater em sala de aula valores históricos, discursivos e sociais que envolvem os alunos, sobretudo, os da cidade de Cajazeiras-PB; c) Propor uma sequência didática (SD) para alunos do Ensino Fundamental II com foco no trabalho interdisciplinar a partir do gênero *crônica*.

Para desenvolvermos a pesquisa, partimos das contribuições dos seguintes teóricos: Marcuschi (2008), autor que fala sobre os gêneros textuais e suas características; Sá (2008), vai contextualizar o gênero textual *crônica* na história e também suas configurações enquanto gênero textual; Dolz; Schneuwly (2010b) para nortear a construção da sequência didática que irá ser organizada afim de que sirva como modelo para professores que desejam e se interessam pelo assunto. Por fim, Pombo; Guimarães; Levy (1993) que expõe sobre interdisciplinaridade; abordagem escolhida para este trabalho.

Quanto ao percurso metodológico desta pesquisa, devemos levar em conta que uma pesquisa científica considera questionamentos ou problemas que os próprios acadêmicos indagam ou são orientados a pensarem sobre algo, e após fazer isso sobre esse problema, nós somos induzidos à procura, estudo sobre esse questionamento. Essa investigação pode acontecer por vários métodos diferentes (PRODANOV; FREITAS, 2013). Nesse sentido, como método para esse trabalho, tem como natureza uma pesquisa básica, que se caracteriza por ser uma pesquisa que procura produzir novos conhecimentos e por não aplicar questionários (PRODANOV; FREITAS, 2013). Quanto ao objetivo, é uma pesquisa exploratória pelo fato de ter uma sondagem bibliográfica e gerar mais informações sobre o assunto estudado. E é, ainda, uma pesquisa qualitativa pelo fato de não precisar de dados quantitativos e ser um trabalho mais descritivo pela teoria bibliográfica (PRODANOV; FREITAS, 2013).

Esse trabalho se justifica, sobretudo, porque oferece ao professor da educação básica a compreensão de que os gêneros textuais são importantes instrumentos que relacionam aspectos diversos da vida do aprendiz e que dinamizam as práticas em sala de aula. Ao pensarmos desta maneira, ao final desta pesquisa, apresentamos uma proposta uma intervenção pedagógica sistematizada através de uma SD como complemento às aulas de LP tomando como foco o gênero *crônica*. De acordo com Dolz; Schneuwly (2010b), as SD existem para melhor aprimorar a construção dos gêneros textuais como também das situações de comunicação. Ou seja, é uma série de atividades em que o professor poderá aprofundar o estudo de determinado gênero textual para que, ao final dessas atividades, que podem ser divididas em módulos, os alunos não tenham tantas dúvidas em relação aos conteúdos explanados em sala.

As SD incluem práticas de letramentos que são bem presentes nas nossas vidas, como ler as mensagens de *WhatsApp*, ler os *outdoors* na rua, ler livros, responder a atividades dos professores em sala de aula (ROSA, 2016). Então quando falamos de um ensino interdisciplinar estamos falando também dessas práticas, porque eles são múltiplos, por isso a palavra letramentos é usada no plural (ROSA, 2016).

Nesse sentido, as práticas de letramentos serão aplicadas nessa pesquisa, porque a intervenção proposta inclui a leitura de textos como também a escrita do gênero textual *crônica* que possibilitará aos alunos terem diversas possibilidades de escritas, visto que a *crônica* é um gênero que possui muitas facetas e podem vir a se apresentar como uma crônica narrativa, crônica humorística, dentre outras.

A pesquisa está organizada em cinco capítulos. O primeiro capítulo, o introdutório, apresenta um contexto geral sobre o assunto e o tema principal dessa pesquisa. Além disso, contempla a metodologia, a justificativa e alguns conceitos sobre pontos importantes como a SD, o gênero textual *crônica* e sobre a cidade de Cajazeiras – PB, que será o ponto de partida para o desenvolvimento e a exploração da crônica na proposta de intervenção.

No segundo capítulo, são apresentados e discutidos os conceitos de língua, memória e interdisciplinaridade, bem como outros aspectos que recobrem as práticas com o eixo da leitura e da escrita pautados na história da Cidade de Cajazeiras – PB.

No terceiro, discutimos o conceito e particularidades dos gêneros textuais e sua relação com a LP, dando destaque ao trabalho com o gênero *crônica*. É sabido que, por muito tempo os textos e gêneros textuais foram e ainda são usados como pretextos para o ensino de gramática, e por isso é fundamental levar para a sala de aula práticas que levem o aluno a compreender o funcionamento da língua através de textos diversos e os gêneros nela materializados.

No quarto capítulo apresentamos, conforme mencionado, a proposta de intervenção em formato de uma SD, com base nas postulações de Dolz, Noverraz; Schneuwly (2010a). A referida proposta traz como foco o gênero textual *crônica* e as atividades propostas em formato de módulos buscam explorar vários aspectos do eixo da escrita em sala de aula para que o docente possa pensar em maneiras eficientes a fim de trabalhar os assuntos propostos, que pode facilitar o trabalho do professor e ser adaptada para diferentes contextos diante das várias realidades que as escolas possam apresentar.

E, por último, no capítulo cinco, são apresentadas as considerações finais dessa pesquisa na qual apresentamos as reflexões sobre o estudo e como ela pode contribuir para um ensino profícuo de LP na educação básica.

2 LINGUA, MEMÓRIA E INTERDISCIPLINARIDADE

A memória é a parte da sociedade que diz respeito as suas lembranças, suas emoções e sentimentos de diversas situações que se apresentam em forma de relatos, entrevistas orais, e assim por diante, podendo trazer uma nova abordagem às narrativas que, muitas vezes, mostram um só ponto de vista Gasparello (1996). Muitas histórias também podem ser escutadas e acrescentadas nos relatos consagrados, como narrativas de mulheres, pessoas negras, indígenas e dentre outros.

Neste capítulo, apresentamos uma discussão em torno das relações entre língua, memória e interdisciplinaridade e como essas relações podem contribuir para uma prática de ensino de LP em sala de aula com vistas à formação cidadã do aprendiz, tomando as histórias e/ou narrativas reais supracitadas, materializadas através de gêneros textuais diversos, como instrumentos ricos e dinâmicos neste processo.

2.1 MEMÓRIA E LÍNGUA SOB O OLHAR DA INTERDISCIPLINARIDADE

A história faz parte da vida de todos. É com ela que se emociona, que se conta seu ponto de vista, que se desloca a imaginação para lugares distantes e, ao mesmo tempo, que se percebe um distanciamento do passado. Nesse mesmo sentido, é importante conhecer a história dos antepassados da família ou da própria história do país em que se vive, porque é partindo disso que as pessoas podem aprender com o passado.

Partindo desta afirmação, as narrativas escritas permitem a concretização da história no tempo, ao validar na escrita diversos pontos de vistas. Desse modo, histórias deixadas de lado, por vários motivos, hoje estão sendo escritas, a exemplo de autores negros que escrevem suas versões sobre a pretitude, como forma de resgatar suas memórias e fazer com que a humanidade (re)conheça sua existência.

Segundo Barros (2009, p. 39), a memória é “[...] um processo parcial e limitado de lembrar fatos passados, ou aquilo que um indivíduo representa como passado.” Isso quer dizer que qualquer pessoa possui uma espécie de “baú mental” que contém momentos importantes, tristes ou felizes do que aconteceu em sua vida; mas ao mesmo tempo, essa memória “[...] seria [...] estática e imprecisa, parcial e distorcida, passiva e não-criadora.”

Em outras palavras, a memória individual, aquela que cada um possui, não é exata, porque o entendimento da situação pode ser diferente, o contexto para cada indivíduo também

repercute para que essa memória possa não ser fiel ao que aconteceu. Por isso, para o autor, o conceito de memória é algo complexo, uma vez que “[...] não envolve apenas a ordenação de vestígios, como também a releitura de vestígios.” (BARROS, 2009, p. 41).

Para Gasparello (1996), a memória pode vir a se apresentar através da escrita, de fotos, de relatos em áudios, de entrevistas *etc.*, podendo transmitir saberes e sentimentos que muitas vezes não encontramos em vários escritos, sendo “[...] um princípio metodológico, que encontra sua validade ao atender aos pressupostos da construção de um conhecimento que interage com um saber que se torna significativo e consciente, constituindo-se em sua relevância social.” (p. 89). Relevância essa que traz vozes esquecidas, deixadas no escuro por não ter um “valor” significativo ou até mesmo não ser verdadeira pelo fato de ser uma das perspectivas, mas que, por outro lado, mostra pontos de vista e traz uma nova sensação àquilo a qual está sendo lido ou ouvido. Nesse contexto, a língua e a linguagem de um povo cumprem importante papel.

Assim, através da língua e de suas multissemiões é possível a um povo conservar sua memória, podendo essa memória se manifestar em diversas linguagens. Esse pensamento converge com a necessidade de que, no espaço escolar, as diversas práticas sociais, mediadas pela linguagem, sejam pauta contínua de debate. Para a BNCC, são exemplos dessas linguagens a “verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e, contemporaneamente, digital” (BRASIL, 2021, p. 63).

A linguagem está onde se pode ler, ouvir e falar sobre os antepassados, sobre os sujeitos vivos, sobre as notícias mais “quentes” que estão saindo no momento, *etc.* A linguagem é ampla, podendo se apresentar em diversos formatos como a música, libras, imagens variadas que mostram como é amplo e complexo o campo da comunicação. É a linguagem que liga os sujeitos sociais – o produtor e o receptor – e cada um produz sentidos de acordo com suas vivências.

Para definir melhor o que seria língua, Marcuschi (2008, p. 19) afirma que ela é vista “[...] como um conjunto de práticas enunciativas e não como forma descarnada.” Com isso, o autor alega que a língua acontece durante uma situação de comunicação e, assim como a linguagem, ela é individual, mas “dialógica” (p. 20), implicando a evolução do ser humano através da interação.

É importante que essa interação aconteça, porque é por meio dela que um aluno aprende melhor quando faz perguntas e participa durante as aulas. A interação permite que as pessoas possam conhecer o outro e também se dar conta do que está ao seu redor. Dessa forma, a enunciação durante essa interação a torna algo verdadeiro, porque acontece em “[...] contextos sempre reais.” (MARCUSCHI, 2008, p. 21).

Dessa maneira, a linguagem é a forma de a memória de manifestar. Através dela, antepassados repassam histórias, causos e acontecimentos e fazem com que essas lembranças permaneçam na memória, como afirma Lobato (2013, p. 72): “as lembranças têm o passado como conteúdo e podem ser compartilhadas no presente por intermédio da comunicação”. Dessa forma, a memória individual passa a ser também memória coletiva.

O estudioso afirma ainda que, a memória individual pode ser evocada pela memória coletiva quando, ao estar com seus amigos, seus familiares conversam sobre um determinado fato e, a partir disso, lembranças são reveladas e cada pessoa a descreve de um modo. Por isso, nem sempre a memória é fiel aos acontecimentos do passado. Por essa razão, é importante que desde jovens, consumam materiais diversos, de autores diferentes e observem as várias narrativas e pontos de vistas das histórias.

Ainda sobre a memória como elemento configurado pela língua e pela linguagem, muito do que nela está plantado vem da infância. É com ela que se apreende muitos conceitos que vão ser levados durante ou quase toda a vida. Por isso, é importante, nesta fase, que a história seja contada de forma justa, pois só assim é possível questioná-la ou discuti-la, quando se sabe a verdade ou as versões que ela apresenta. São as histórias de pessoas não brancas, mulheres, lavadeiras, narrativas que são deixadas de lado para enaltecer o “ganhador”, que nos levam a “[...] convencer aqueles de nós nascidos sem colheres de prata em nossas bocas, de que temos um passado, de que viemos de algum lugar” (SHARPE, 1992, p. 26)². Neste sentido, é tão importante e útil abrir espaço para se debater em sala de aula narrativas, histórias e acontecimentos que remetem às vivências reais dos alunos.

Nesta esteira, usar a história local de sua comunidade ou cidade como mote para discutir conteúdos escolares é interessante para que o aluno compreenda e vivencie vários aspectos sociais. Assim, o discente participa e se torna autor de sua própria narrativa ao comentar, discutir sobre ela, fazendo parte da comunidade e pensando criticamente sobre os problemas de forma coletiva.

Para Ferro (1989, p. 122), a história local “[...] permite determinar alguns dos vínculos que a análise histórica pode estabelecer entre o passado e o presente, entre um acontecimento local e a história geral”. Relacionando essa assertiva à realidade da sala de aula, podemos levar o aprendiz a fazer os seguintes questionamentos, no caso da cidade de Cajazeiras-PB: Por que Cajazeiras tem esse nome? Qual o nome da estátua que fica em frente ao Colégio Nossa Senhora de Lourdes? Por que ela é conhecida como “a cidade que ensinou a Paraíba a ler”? O resgate

² A citação de Sharpe se refere à colonização, quando afirma que muitas pessoas não nasceram com privilégios e por isso não tiveram a chance de contar suas histórias.

dessas memórias é importante para entender o porquê de Cajazeiras ter se tornado um polo educativo com diversas escolas, universidade e faculdades que atendem alunos de diversas regiões.

No tocante à aula de LP, é importante esse debate ser levado às escolas, podendo se fazer através de uma visão interdisciplinar que pode render muitos trabalhos interessantes e ampliar a competência comunicativa dos alunos. É perceptível, por exemplo, que muitos educadores valorizam o que vem de fora da cidade, do país, e não percebem o que está sendo produzido no entorno da sala de aula. Trabalhar com um olhar mais crítico acerca da realidade mais próxima dos discentes pode render debates interessantes ao se valorizar narrativas, textos locais, que representam as raízes, cultura e costumes de um povo.

Diante do contexto atual, no qual estamos cada vez mais ligados à cultura digital devido à pandemia da covid-19, tem sido um grande desafio para os professores lidarem com essa perspectiva de ensino, a interdisciplinar, pelos mais diversos motivos, no entanto, já se tem notícias de práticas exitosas com diversas frentes no ensino de LP que têm levado aos aprendizes um “novo” currículo escolar.

Nesse currículo, pautado em um conjunto de atividades interdisciplinares, é possível explorar os conteúdos escolares em conjunto com as tecnologias, no contexto da língua e linguagem usadas nas redes sociais, nos jogos e plataformas digitais, dentre outros, dinâmicas diversas que, possivelmente, não eram usadas em sala de aula. Neste sentido, é possível pensar em:

[...] um currículo inter-relacionado, gerado nos processos de reflexão e transformação que ocorrem no ato de aprender. É, portanto, um currículo indeterminado, cujos limites levam em conta o concreto da relação que estabelece entre os participantes do processo e o meio onde está inserido. (MORAES, 1997, p. 148)

Um ensino pautado na realidade histórica do aprendiz é um currículo que não é estático, que vai além dos livros didáticos (LD) e relevante ao aluno, uma vez que ele está inserido em um universo multissemiótico de usos das linguagens, cujos textos são os mais variados possíveis. É preciso, assim, um trabalho coletivo entre os profissionais, escolas e alunos para que um currículo pautado na diversidade de saberes possa realmente ser concretizado em sala de aula.

A BNCC (BRASIL, 2021, p. 67-68) afirma que, no que concerne à LP, “[...] cabe, então, proporcionar aos estudantes experiências que contribuam para a ampliação dos letramentos, de forma a possibilitar a participação significativa e crítica nas diversas práticas sociais

permeadas/constituídas pela oralidade, pela escrita e por outras linguagens”. Assim, é preciso repensar práticas de ensino que levem os discentes a refletir criticamente através de outras abordagens.

Diante disso, os professores têm que compreender alguns processos e outros tipos de metodologias a fim de obter melhoras em seu ensino. Assim, é preciso sair da academia inspirados e não parem de procurar se especializar em outras áreas de pesquisa para que suas práticas em sala de aula possam ser mais dinâmicas. Refletir sobre o ensino tem que ser contínuo.

Sobre a interdisciplinaridade no ensino de LP, é importante que se estude e analise sobre esse conceito no âmbito dos estudos linguísticos. É essencial que os docentes ampliem seus olhares para outras possibilidades e conversem com outros profissionais sobre metodologias novas, porque o entendimento, quando “[...] reduzido a ele mesmo empobrece-se, quando socializado adquire mil formas inesperadas.” (FAZENDA, 2008, p. 12).

O conceito de interdisciplinaridade é amplo, não podendo ser fechado totalmente; é um conceito que pode ser pensado e usado de diferentes maneiras. É possível que um conteúdo ou assunto atual possa ser usado por diferentes disciplinas, a exemplo do filme brasileiro “Bacurau” (2019), drama que mostra uma localidade em que as pessoas são deixadas de lado pelo poder público, recebem comidas e remédios vencidos e tentam viver com o que têm. No decorrer da obra, é possível perceber que as personagens são o protagonista na trama, atuando em conjunto pelo bem de todos.

O filme pode assim ser explorado pelo viés da Língua Inglesa, já que o longa-metragem apresenta personagens falantes da língua estrangeira; pelo viés da Geografia, pois apresenta paisagens que podem ser exploradas; da História, pelo fato de mostrar situações políticas como as cenas em que o prefeito aparece oferecendo comida e remédios vencidos, mostrando o descaso com aquela população; da Sociologia, ao abordar como aquela gente se comporta mediante as situações ocorridas; bem como na LP, quando é capaz de perceber as nuances críticas que o filme traz sobre a sociedade através da língua/linguagem. Ou seja, um objeto, o filme, pode ser alvo explorado interdisciplinarmente.

Segundo Pombo, Guimarães; Levy (1993, p. 13), a interdisciplinaridade é “[...] qualquer forma de combinação entre duas ou mais disciplinas com vista à compreensão de um objecto a partir da confluência de pontos de vistas diferentes e tendo como objetivo final a elaboração de uma síntese relativamente ao objecto comum.”. Ou seja, a interdisciplinaridade é um conjunto de saberes, de disciplinas que juntas tentam encontrar um interesse em comum. Continuam a

ser as disciplinas com conteúdos específicos, mas ao se unirem, transformam um conteúdo que poderia ser separado em algo único, ligados para construir um saber.

Com base na perspectiva da interdisciplinaridade, o ensino não precisa ser estanque e tradicional, como se fez com muito fervor em décadas passadas. Os profissionais das áreas da educação, juntamente com a escola e outros professores de disciplinas diferentes, podem fazer um trabalho excelente quando estabelecem com seus colegas pensamentos que ajudam a “tirar da caixinha” aqueles que estão sempre fazendo a mesma coisa.

O professor poderá ter alguma dificuldade em pensar em estratégias que contemplem a interdisciplinaridade, visto que é preciso fazer um estudo para construir esse tipo de atividade e é difícil cogitar essa possibilidade quando esse profissional não tem tempo disponível. Trabalhar em mais de um expediente e diariamente corrigir e preparar aulas tomam muito do dia do docente.

E como fazer esse trabalho funcionar? Pesquisa. Quanto mais pesquisa e conhecimento sobre o assunto, mais fácil será repensar a sala de aula. Diante das dificuldades, é preciso dar um tempo e ir atrás dessa compreensão, ter a consciência de que a sociedade muda e dentro da escola é preciso inovar também.

A interdisciplinaridade é uma das possibilidades para que os alunos possam se interessar melhor pelo conteúdo, é um mecanismo que poderia estar mais presente nas salas de aulas. Porque entender sobre onde vive, os problemas que ela apresenta, pensar criticamente sobre ela exige um trabalho conjunto entre o docente e discente e a oportunidade de trilhar novos caminhos na educação.

Desse modo, o professor irá refletir sobre seus alunos e quais são os déficits que eles têm em relação a conteúdos, assuntos, dentre outros. Nesse caminho, ele irá ajudá-los a desenvolver novas habilidades na medida em que implementa atividades prazerosas, aulas e um material completo envolvendo táticas diferentes como o uso de vídeos, filmes, *etc.* Assim, o docente poderá se aperfeiçoar e dar aos discentes um novo aprendizado.

Em suma, repensar o currículo e valorizar práticas escolares cujo plano de fundo aponta para a interseção de saberes pode contribuir para uma formação protagonista do aprendiz. Portanto, relacionar língua, memória, cultura e valores locais é instrumento rico para o aprendizado do aprendiz na sala de aula, pois através deles também é possível explorar os eixos da leitura e da escrita, conforme defendemos a seguir.

2.2 A MEMÓRIA VIVA DE UM POVO: A CIDADE DE CAJAZEIRAS COMO FOCO

Conhecida como a “cidade que ensinou a Paraíba a ler”, Cajazeiras é o município que agrega em suas ruas várias escolas, universidade federal, faculdades particulares, atendendo alunos de outras cidades, estados e sítios próximos. A cidade é o ponto de encontro da educação, visto que ela nasceu ao redor de uma escola, ideia de um padre até hoje conhecido como Padre Rolim. “O município faz limite a Leste com os municípios de São João do Rio do Peixe e Nazarezinho, ao Norte com Santa Helena e São João do Rio do Peixe, a Oeste com Bom Jesus e Cachoeira dos Índios e a Sul com São José de Piranhas, ambos da Paraíba” (COSTA FILHO, 2015, p. 13).

Como é possível ver, Cajazeiras – PB situa-se em local estratégico e tem a seu redor vários municípios, por isto é fácil entender o porquê de os alunos virem procurar a cidade para estudar; o município tem várias escolas públicas e particulares que atendem alunos desde o ensino infantil até o ensino médio, assim como instituições universitárias como o CFP que possui cursos, em sua maioria, licenciaturas; a Faculdade de Santa Maria; o Instituto Federal da Paraíba (IFPB); a Faculdade São Francisco dentre outras com curso a distância como o Instituto Superior de Educação (ISEC); Universidade Paulista (UNIP) e a Universidade Norte do Paraná (UNOPAR). (COSTA FILHO, 2015, p. 34).

Atualmente ela é caracterizada como cidade ligada à educação, mas há um tempo, era uma simples casa onde moravam Ana Maria Francisca de Albuquerque e Vital de Sousa Rolim, pais do conhecido Padre Rolim. Sobre a raiz genealógica deles, o que se sabe é que o senhor Francisco Gomes de Brito, ao chegar de Pernambuco, estabeleceu-se no interior do sertão do Rio do Peixe. Ele convidou, para morar, seu enteado Luiz Gomes de Albuquerque que, logo depois, acabou se casando com Luiza Maria do Espírito Santo, na capitania da Paraíba, e deles nasceu Ana Maria Francisca de Albuquerque (ALBUQUERQUE, 2000).

É importante fazer uma observação sobre Ana Maria Francisca de Albuquerque. Devido à sua dedicação em ajudar aos pobres, ela recebeu o nome Mãe Aninha, “mulher de projeção para o seu tempo, teve grande participação na educação, no desenvolvimento econômico, social e cultural de nossa Cajazeiras [...]” (SOUZA, 2019, p. 55). Além disso, era uma mulher conhecida por ser gentil com todos e ajudou várias cajazeirenses a nascer, pois era parteira (SOUZA, 2019).

Após casados, Ana Maria e Vital de Sousa se mudaram para outro lugar. Vão para um sítio que era um local muito rico em diversas árvores como as cajazeiras, cedros, angicos e pau de arcos, chamado de sítio Cajazeiras. O sítio foi passado a eles, como dote de casamento, por Luís Gomes de Albuquerque, e nele o casal cultivou e cuidou da terra que logo foi renomeada como Fazenda Cajazeiras, surgindo ao seu redor um aglomerado de pessoas

(ALBUQUERQUE, 2000); (GOMES; CAMPOS, 2012). A Fazenda Cajazeiras levou esse nome devido a ter “[...] uma alusão a uma árvore típica da região, de frutos perfumados, suculentos e amarelados próprios para se fazerem sucos, sorvetes e picolés”, conhecido como cajá (SILVA, 2014, p. 23).

Devido ao aglomerado de pessoas que vieram morar perto do casal, Vital de Sousa construiu um açude para abastecer o pequeno povoado que estava se formando, conhecido como Açude Grande, que se encontra poluído atualmente. Devido a esse fato, hoje em dia, a cidade de Cajazeiras – PB é abastecida pelo açude de Boqueirão (ALBUQUERQUE, 2000).

Em função da necessidade de água por causa do verão e das secas cíclicas e constantes, Vital de Sousa Rolim, o maior precursor de Cajazeiras, construiu um reservatório para armazenar água, isto é, um açude, com a finalidade de não somente suprir a necessidade da população, mas também como auxiliar na criação de gado e outros animais próprios de região (SILVA, 2014, p. 25).

Do casamento de Ana e Vital de Sousa nasceram vários filhos e entre eles o mais famoso, conhecido como Inácio de Sousa Rolim, o Padre Rolim, em 22 de agosto de 1800 (GOMES, 2016). Além disso, são avós de Dom Moisés Coelho, primeiro Bispo da cidade de Cajazeiras – PB e bisavós de Dom Carlos Gouvêa Coelho, arcebispo de Olinda, em Pernambuco (SOUZA, 2019).

Já crescido, em 1822, Inácio de Sousa Rolim entrou para um seminário localizado em Olinda, Pernambuco, em 1825, se ordenou padre, e em 1829 retornou à Fazenda Cajazeiras e nesse período abriu sua escola para as crianças ao redor do povoado da fazenda. Devido ao grande índice de analfabetismo, o agora Padre Rolim resolveu bater de porta em porta para chamar os futuros alunos para sua escola (GOMES, 2016).

A escola do Padre Rolim iniciou pequena e tinha apenas seis alunos. Em uma casa ele dava suas aulas para ensinar a ler e a escrever. Muitos alunos começaram a se matricular em sua escola e, por isso, Padre Rolim decide procurar um lugar maior para abrigar diversas pessoas. Em 1833 já era possível observar que a escola recebia alunos de outras regiões do sertão e daí o povoado cresceu devido ao grande número de pessoas que passaram a viver ali (ALBUQUERQUE, 2000).

Quando Padre Rolim decidiu voltar à Fazenda Cajazeiras, sua mãe resolveu fazer um altar dedicado à Nossa Senhora da Piedade, para que seu filho tivesse onde celebrar e receber seus fiéis. Atualmente nesse local encontramos a igreja conhecida como Igreja Nossa Senhora de Fátima. Padre Rolim então concluiu que perto da capela de sua mãe, em um prédio de alvenaria, seria sua escola (ALBUQUERQUE, 2000; PIRES, 1991).

Após quinze anos de existência de sua escola em Cajazeiras – PB, antes ainda um povoado, Padre Rolim decidiu expandi-la e transformá-la em uma escola secundária e, com o aval do presidente da província, ele conseguiu, e assim nasceu um colégio de instrução secundária. A instituição começou a funcionar em 1843 e recebeu o nome de Colégio Padre Rolim. Com isso atraiu alunos de outros estados como Pernambuco, Ceará, Rio Grande do Norte, Piauí e Maranhão. Nela, estudou o ilustre Padre Cícero Romão Batista, o Padim Cícero (ALBUQUERQUE, 2010).

Mas não foi o bastante para o Padre Rolim; ele queria mais. Preocupado com o ensino para as meninas, ele criou uma escola particular dedicada ao ensino para o sexo feminino e atribuiu à professora Vitória dos Santos Rolim de Albuquerque o trabalho de ensinar o primário às meninas que queriam ou podiam aprender. Devido a esse fato, Cajazeiras – PB foi a *cidade* que abriu as portas para o ensino das primeiras letras no magistério e daí ela recebeu a famosa frase feita pelo político Alcides Carneiro: “Cajazeiras que ensinou a Paraíba a ler” (ALBUQUERQUE, 2010).

Com a cidade já bem povoada e desenvolvida, em 1859, a capela de Mãe Aninha – Capela de Nossa Senhora da Piedade – recebeu o título de Sede Paroquial. Além disso, a cidade ainda demorou até se tornar um município. Antes de receber o título de povoado, Cajazeiras – PB se tornou distrito de Pombal e depois de Sousa. Em 1863, tornou-se uma vila e somente após alguns anos depois, 1876, ela recebeu o título de cidade (SILVA, 2008).

Cajazeiras, hoje com o título de cidade, continua a crescer e trazer frutos, nas mais diferentes áreas; no cinema e na televisão, o ator cajazeirense Thardelly Lima trabalha atualmente na novela da Globo, “Quanto mais vida melhor” e também no filme vencedor no festival internacional de Cannes, “Bacurau”; a atriz Marcélia Cartaxo atuou no filme “A hora da estrela” e também em “Madame Satã” e “A hora da eternidade” e, por fim, no filme “O Sonho de Inacim”, gravado na cidade.

Os fatos históricos apresentados podem se constituir importantes instrumentos do trabalho interdisciplinar em sala de aula, pois essa atividade se estabelece na ideia que o ensino interdisciplinar precisa estar em mais de uma área de ensino. Quando um professor leva para a sala de aula o livro e sua adaptação em filme, ele está colocando em prática justamente isso.

O docente pode pensar em algumas possibilidades como, a diferença entre a obra escrita e sua adaptação, como é o caso de “A hora da estrela”; analisando as músicas escritas por pessoas da cidade de Cajazeiras - PB e trabalhar o conteúdo de figuras de linguagens, muito presentes nesse tipo de gênero textual; o conteúdo político perceptível no filme “Bacurau” e dele escrever uma resenha, dentre outras.

Por fim, além de conhecer obras do Nordeste e mais especificamente da cidade de Cajazeiras – PB, o professor não deixará de expor o conteúdo do livro didático e os alunos poderão conhecer personalidades e obras diferentes que talvez não tenham visto anteriormente, propostas condizentes com o paradigma de ensino de língua pautado nos textos e gêneros textuais, sejam eles orais ou escritos.

Com esse conteúdo histórico, que traz fortes laços discursivos com as memórias dos habitantes da cidade, é possível ao professor de LP desenvolver ações interdisciplinares nas aulas de leitura e de escrita no contexto da sala de aula, através da pedagogia dos gêneros textuais, a exemplo do trabalho com as crônicas, conforme veremos.

3 GÊNEROS TEXTUAIS E ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

Logo nos primeiros anos escolares são apresentadas aos alunos dicas de como produzir bons textos. Os professores aplicam estratégias e metodologias diversas que levam seus alunos a refletirem e produzirem textos que tenham sentido e que os possibilitem participar socialmente das ações cotidianas. Essa tomada reflexiva através do uso de textos em sala de aula tem sido desenvolvida nas últimas décadas, desde o momento em que as pesquisas linguísticas passaram a tomá-los como objeto de ensino de LP, dando destaque à exploração dos gêneros textuais.

Neste capítulo, iremos tratar sobre como a abordagem dos gêneros textuais tem sido importante para o desenvolvimento de práticas exitosas e atrativas em sala de aula.

3.1 A ABORDAGEM DOS GÊNEROS TEXTUAIS

Na escola, no supermercado, nas relações interpessoais é possível encontrar diversos gêneros textuais. Muitas vezes, eles não são percebidos pelo fato de não serem estudados em sala de aula ou por falta de conhecimento. O sermão de uma mãe, os documentos pessoais, uma conversa, são modelos que acontecem diariamente e são deixados de lado como exemplos de textos.

Nesse sentido, o professor de LP tem papel fundamental de fazer entrar em sala de aula gêneros textuais que são e podem ser produzidos no cotidiano dos discente. Por isso, é importante que os docentes entendam a necessidade de essa ser uma pauta permanente em suas aulas. No entanto, sabemos que essa não é tarefa fácil. Os professores têm que completar os temas do LD que, muitas vezes, são insuficientes quando o assunto é gêneros textuais.

Segundo Marcuschi (2002, p. 25), os “gêneros são formas verbais de ação social relativamente estáveis realizadas em textos situados em comunidades de práticas sociais e em domínios discursivos específicos”. Ele quer dizer que os gêneros textuais não acontecem de forma aleatória. Para melhor explicar essa afirmação, o autor toma como exemplo uma conversa entre dois amigos que estão falando um com o outro em tom alto, incomodando as pessoas ao redor, e que, diante disso, a mãe de um deles reclama. Aconteceu nessa interação um sermão dado por um desses personagens; nessa situação foi preciso uma fala mais firme para que os dois amigos entendessem como deveriam se comportar.

Analisando a situação, percebemos que os textos nela utilizados (conversa, sermão, *etc.*) estão situados em uma prática social que não foi aleatória e específica para esse caso. Um dos personagens poderia ter falado mais baixo ou ter falado mais alto para ser escutado, e isso depende de como a situação está acontecendo e do contexto dela. Ou seja, neste caso, os gêneros textuais utilizados são flexíveis, podem ser adaptados para diferentes situações de comunicação, o que pode ser feito também em sala de aula, quando se debate os diferentes contextos de produção dos textos que circulam todos os dias.

Nessa direção, é importante ter em mente que ensinar a língua e a gramática em sala de aula deve ser feito “através dos *textos*” (MARCUSCHI, 2008, p. 51), porque é através deles que a língua se efetiva, como vimos acima. Mas, muitas vezes, é sabido que o ensino é feito de forma descontextualizada e o texto é usado como pretexto para explorar aspectos meramente gramaticais.

É importante frisar, no âmbito do ensino de línguas, que o ensino-aprendizagem vem passando por mudanças. Os profissionais podem ter dificuldades de como aplicar textos em sala de aula, pois muitos discentes podem não ter o hábito da leitura, ou até mesmo, não ser do interesse deles. Isso dificulta, porque quando é chegada a hora de entrar em sala de aula, o ensino de língua continua sendo feito de forma descontextualizada.

Para Marcuschi (2008, p. 52),

[...] um problema do ensino é o tratamento inadequado, para não dizer desastroso, que o texto vem recebendo, não obstante as muitas alternativas e experimentações que estão sendo hoje tentadas. Com efeito, introduziu-se o texto como motivação para o ensino sem mudar as formas de acesso, as categorias de trabalho e as propostas analíticas.

Ou seja, o que se tem percebido em muitas escolas é que, apesar da motivação em usar o texto como objeto de debate, ainda há muitas barreiras que impossibilitam explorá-lo efetivamente, como, por exemplo, o docente pode não estar preparado para utilizar textos em sala devido ao desinteresse de muitos alunos ou não dar conta de várias responsabilidades que a profissão traz, o que implica em aulas não proveitosas.

Ainda nesse universo, Marcuschi (2008, p. 152) declara que o estudo sobre os gêneros textuais não é novo, mas antigo. Eram ligados à Literatura e “[...] surgiu com Platão e Aristóteles, tendo origem em Platão a tradição poética e em Aristóteles a tradição retórica. [...]”. Com o tempo, seus estudos foram ampliados, entrando na Linguística e atentando ao discurso, com isso, hoje temos um amplo universo de estudos sobre os gêneros textuais.

Partindo disso, Marcuschi (2008) traz alguns conceitos importantes que ajudam a entender melhor o que são os gêneros textuais. É sabido que eles são estáveis, não são feitos de forma aleatória e estão situados em contextos de comunicação podendo ser adaptados, modificados de acordo com a intenção dos participantes dessa situação comunicacional.

Além do conceito de gêneros, o autor também conceitua *tipos textuais*, conceito esse interligado e crucial ao entendimento daqueles:

Tipo textual designa uma espécie de construção teórica {em geral uma seqüência subjacente aos textos) definida pela natureza lingüística de sua composição {aspectos lexicais, sintáticos, tempos verbais, relações lógicas, estilo). O tipo caracteriza-se muito mais como seqüências lingüísticas (seqüências retóricas) do que como textos materializados; a rigor, são modos textuais (MARCUSCHI, 2008, p. 154).

Para entender melhor, os tipos textuais estão presentes em todo e qualquer texto, se caracterizam pela sua forma lingüística ou seqüências lingüísticas específicas e divididas em cinco categorias: Narração, presente em contos, fábulas, cartas pessoais; Argumentação, em artigos científicos, monografias, resenhas; Exposição, no seminário, entrevista; Descritivo, em anúncios publicitários, perfis em redes sociais, biografias; e, por último a injunção, em receitas, manuais de uso, dentre outros diversos gêneros.

Nos textos há a predominância de um desses tipos textuais, e isso não quer dizer que os outros tipos não possam aparecer. É interessante ter em mente essas divisões para entender a intencionalidade de um texto. O conto tem como tipologia principal a narração, pelo fato de contar um fato ou uma história com personagens em suas histórias fictícias ou não. Nele podem ser encontradas descrições de cenas, exposição da opinião de um autor, mesmo que subjetiva.

Outro conceito que Marcuschi (2008, p. 155) apresenta nesse universo é o de domínio discursivo. Ele afirma ser constituído “[...] por uma ‘esfera da atividade humana’ no sentido bakhtiniano do termo do que um princípio de classificação de texto e indica instâncias discursivas [...]”. Isso quer dizer que, numa prática de comunicação, é possível encontrar diversos gêneros textuais. Em uma esfera religiosa, por exemplo, podemos encontrar os seguintes gêneros: homilia, rezas, terços, sermões, cantos, hinos, dentre outros.

Desse modo, o domínio discursivo envolve não somente um gênero textual de forma individual, mas um espaço de comunicação que pode gerar vários outros gêneros (MARCUSCHI, 2008). Levando isso em conta, uma esfera pode ser instituições onde os gêneros textuais circulam. Dado o exemplo do parágrafo acima, outra esfera comum é a escolar

e os gêneros textuais presentes nela seriam os LD, cartazes, anúncios, seminários, aulas, provas, dentre outros específicos que se propaga nesse ambiente.

No tocante às práticas escolares, os gêneros textuais são amplos e com diversas possibilidades de explorá-los, podendo o profissional tomar como ponto de partida os gêneros que circulam no cotidiano dos alunos, de modo que se possa valorizar seus conhecimentos linguísticos, genéricos e discursivos. Com base nisto, pensamos que os gêneros textuais podem e devem ser trabalhados numa esfera interdisciplinar; “desde que não concebamos os gêneros como modelos estanques, nem como estruturas rígidas, mas como formas culturais e cognitivas de ação social corporificados de modo particular na linguagem, temos de ver os gêneros como entidades dinâmicas” (MARCUSCHI, 2008, p. 156).

Assim sendo, eles podem se adaptar ao tempo e à situação comunicacional; podem ser usados para diferentes finalidades e, mesmo que muitos não sejam ensinados em sala de aula, o professor pode repensar o que já estão dispostos no LD e explorá-los à sua maneira. A esfera interdisciplinar permite que possa escolher como se trabalhar um determinado assunto e ir além do que está apresentado nos LD.

Um dos principais gêneros de circulação no universo escolar, sem dúvida, é a crônica. Ela representa, também, um convite ao debate interdisciplinar de diversas temáticas da esfera humana, seja em seus aspectos sociais, políticos, históricos, ideológicos, linguísticos ou culturais. Sobre esse gênero nos debruçaremos na seção a seguir.

3.2 O GÊNERO *CRÔNICA* COMO FERRAMENTA DE INTERAÇÃO SOCIAL

Nos dias de hoje, é fácil encontrar pessoas e mais pessoas que falam sobre sua vida nas redes sociais, postando o que acontece ao vivo, destacando aspectos inerentes às relações da vida humana. Com esse mesmo objetivo, um texto bastante conhecido na escola é a crônica. O gênero textual *crônica* também é a história da vida real, mas, diferente das que estão sendo contadas nas redes sociais, a *crônica* é onde o autor transforma sua realidade e reescreve com seu ponto de vista.

Nesse contexto, o autor Sá (2008) afirma que, a *crônica* surgiu no Brasil com a chegada dos portugueses nas terras indígenas. Pero Vaz de Caminha escreveu tudo o que viu e relatou sua experiência ao rei de Portugal. Na *Carta a El Rey Dom Manuel*, Pero Vaz de Caminha registrou os acontecimentos daqueles povos tão diferentes de sua cultura, ou seja, ele “[...] estabeleceu também o princípio básico da *crônica*: registrar o circunstancial.” (SÁ, 2008, p. 6).

Para tentar compreender melhor esse princípio básico, é preciso entender o significado do termo “circunstancial”. O termo pode ter vários significados, dependendo do contexto em que ele está inserido, se jurídico ou não. Na crônica ele assume o papel de um “momento” ou “acontecimento” específico do dia a dia. É quando o autor procura ao seu redor situações e a partir disso escreve seu texto, dando seu toque pessoal.

Diante do ponto de vista próprio, o autor pode transformar um momento em algo alegre, como nas crônicas humorísticas, pode ter um sentimentalismo, como nas crônicas líricas, podem ser narrativas, jornalísticas, ou seja, de diversas formas, o que confere à crônica muitas possibilidades de expressão.

No contexto do ensino, a *crônica* é um texto no qual o aluno poderá sair de seu ambiente “seguro” e olhar ao redor, para o que está acontecendo e pensar criticamente sobre muitos assuntos. A partir do tema que foi escolhido, o professor poderá debater em sala de aula e dessa forma ampliar os conhecimentos dos alunos sobre o assunto, destacando o objetivo principal deste texto que é apresentar críticas ao cotidiano. Complementarmente o professor pode explorar a relação do tema com outras áreas do saber, utilizando assim uma abordagem interdisciplinar no momento da leitura.

Pode ser bem desafiador trazer essa metodologia para sala de aula, porque os alunos podem não ter lido sobre o assunto, terem vergonha de falar ou não saberem colocar em palavras o que estão pensando. É um trabalho complexo para os profissionais da educação, mas que realmente traz bons frutos. É preciso, dessa maneira, repensar a sala de aula, estudar estratégias de ensino para que o debate se torne possível.

Ainda em relação ao gênero textual em questão, a palavra *crônica* é originária de outra palavra grega conhecida como *Khrónos* ou *cronos* e significa tempo, ou seja, esse tipo de texto era um relato do que acontecia de forma cronológica (COUTINHO, 1971). Sobre o que ela tratava, “originalmente a crônica limitava-se a relatos verídicos e nobres [...], pois tratava-se da compilação de fatos históricos apresentados segundo a ordem de sucessão no tempo.” (COSTA, 2014, p. 92). Esses relatos históricos, como o exemplo dado da carta de Pero Vaz de Caminha, eram narrativas nas quais os escritores contavam o que realmente acontecia e viam, respeitando a ordem cronológica dos fatos apresentados. Em sua evolução, a *crônica* se modificou e se adaptou à sua nova casa, os folhetins. Seu tamanho menor é devido ao espaço curto dado pelos jornais às narrativas, apareciam nos rodapés dos folhetins (FONTEL, 2019).

Os folhetins apareciam nos jornais diários da época com o intuito de fazer o leitor se informar, ler novelas, ensaios, poemas e outros tipos de textos do momento. A crônica também estava inserida neles, conforme apontam Bender e Laurito (1993, p. 16):

Das suas espécies de folhetins publicados na imprensa do século XIX, a que deu origem ao gênero crônica – tal como o concebemos modernamente – foi o folhetim de variedade. E o que era este ...? Nos rodapés dos jornais, ao mesmo tempo que cabiam romance em capítulos, também cabia – ainda quando em outras folhas – aquela matéria variada dos fatos que registravam e comentavam a vida cotidiana da província, do país e até do mundo.

A crônica passou por uma modernização; alguns autores brasileiros precisaram se adaptar, a exemplo de João do Rio – pseudônimo de Paulo Barreto – jornalista que deu uma nova feição a essas narrativas e a *crônica* começou a ter ares mais literários (SÁ, 2008). Com uma linguagem mais simples e rotineira, a crônica é um texto que se aproxima do leitor, “a simpatia e o aspecto inocente dos rodapés permitia aos autores liberdades que o poder encararia de má sombra solenes colunas dos artigos de fundo” (COUTINHO, 1971, p. 78).

Assim, esses textos permitiam ao leitor uma visão diferenciada dos fatos cotidianos e de temas que muitas vezes eram deixados de lado como a política, os problemas da sociedade, *etc.* (FONTEL, 2019). Por ser menor, a *crônica* é um texto mais superficial e precisa que o autor seja criativo e possa colocar em poucas palavras os acontecimentos e também as críticas que geralmente se encontram nela.

Para Costa (2014, p. 91), a *crônica* “é o único gênero literário produzido essencialmente para ser veiculado na imprensa”. Nos jornais ela aparece em prosa, e na internet pode se apresentar também em versos; possui uma linguagem mais acessível já que o escritor tem pouco tempo para pensar e escrever; geralmente é produzida diariamente e o escritor precisa de rapidez para publicá-la.

Existem vários escritores que escrevem *crônicas*, mas muitos deles são conhecidos por romances e não por esses textos, já que “não se imagina uma literatura feita de grandes cronistas, que lhe dessem o brilho universal dos grandes romancistas, dramaturgos e poetas” (CANDIDO, 1992, p. 13). É comum falar dos romances sobre a seca de Raquel de Queiroz, mas ela também escrevia *crônicas*, assim como Carlos Drummond de Andrade, Vinicius de Moraes, dentre outros.

Então, para definir melhor esse gênero textual, segundo Fontel (2019, p. 27):

[...] a crônica brasileira pode ser definida como um gênero que atua na esfera das práticas sociais dos debates, da crítica e da reflexão em torno de questões suscitadas pelos acontecimentos triviais do dia a dia; visa à construção de ponto de vista; materializa-se por meio de textos em prosa que refletem o mundo do narrar e/ou expor; cultiva estilo jornalístico e/ou literário em

linguagem simples, muitas vezes, com interlocução direta entre autor e possíveis leitores.

Nesse sentido, o gênero textual *crônica* oscila entre o jornalístico, já que surgiu nos jornais, e o literário. O primeiro, porque o autor procura ao seu redor notícias, momentos banais que podem virar um texto; ele pesquisa, estuda e vai atrás dos acontecimentos do dia a dia, como também é jornalista. O segundo, porque o autor altera o texto e o transforma em algo mais atrativo, põe mais humor ou mais sentimentalismo que atrai o leitor para a narrativa.

Por outro lado, o gênero textual *crônica*, por esse motivo, pode não ter uma definição ou uma configuração tão simples, como afirma Pólvora (1975, p. 49): “Se tentarmos definir a crônica como possível gênero subordinado a certas regras fundamentais, veremos que ela se assenta em bases flutuantes. Situa-se bem dizer, numa terra de ninguém, no território comum banhado pelos extravasamentos do conto, do poema e do artigo de jornal”.

Ele afirma, então, que o gênero *crônica* é misto, podendo apresentar diversas características, podendo aparecer além dos jornais, na internet, em blogs, LD para os estudos em sala de aula, etc. Ela pode se assemelhar ao conto, pelo fato de ser curto, mas a *crônica* é superficial, enquanto no conto, o autor “[...] mergulha de ponta-cabeça na construção do personagem, do tempo, do espaço e da atmosfera [...]” (SÁ, 2008, p. 9), algo não possível na crônica.

No âmbito do ensino de LP, a crônica pode ser excelente ferramenta para se discutir fatos considerados banais, sendo um caminho para a construção de textos muitas vezes autênticos, críticos e reflexivos sobre a sociedade. Pelo fato de ela ser capaz de, em poucas palavras, propor debates, aflorar sentimentos como alegria, tristeza ou revolta com os fatos narrados.

Conforme dito anteriormente, a crônica, mesmo sendo curta, consegue explorar vários assuntos e despertar sentimentos. Diante disso, esse texto é uma ótima oportunidade para que os alunos possam explorar suas habilidades quanto à escrita e a sua criatividade; além disso, poder estudar sobre assuntos que talvez eles não tenham tido a chance de conhecer sobre o assunto do momento.

Tendo exposto sobre como o gênero *crônica* se comporta, suas características, sua história e seus formatos, no capítulo a seguir, discorreremos sobre a metodologia da SD proposta por Dolz; Schenewly (2010b) enquanto rica ferramenta para a didatização de conteúdos em sala de aula.

A proposição dos autores nos guiará para a apresentação de Proposta de Intervenção que tem por objetivo sugerir atividades com o gênero textual *crônica* e abrirá possibilidades para o ensino dos gêneros textuais dispostos nos LD e para que os profissionais da educação possam complementar suas práticas em sala de aula em torno de um trabalho reflexivo com a LP.

3.3 A METODOLOGIA DA SEQUÊNCIA DIDÁTICA NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA PARA A EXPLORAÇÃO DOS GÊNEROS TEXTUAIS

Existem várias metodologias aplicáveis ao ensino de LP em sala de aula que contribuem para uma melhor aquisição, pelo aluno, dos conteúdos. Um desses métodos é conhecido como SD, que tem como objetivo um ensino pautado em módulos, muito utilizada hoje para explorar os gêneros textuais. Dessa maneira, esse tipo de ensino propõe uma aprendizagem a ser percorrida em momentos.

Dolz; Schneuwly (2010b, p. 82) definem as SD como “um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito”. Ou seja, é escolhido um gênero textual e a partir dele, o docente irá planejar ações sobre determinado conteúdo nos quais os alunos estão tendo dificuldades e, com base nisso, programar módulos que tentem saná-las.

Para complementar ainda o conceito sobre a SD, Oliveira (2013, p. 40) declara que:

A sequência didática é um procedimento para a sistematização do processo ensino-aprendizagem, sendo de fundamental importância a efetiva participação dos alunos. Essa participação vai desde o planejamento inicial informando aos alunos o real objetivo da sequência didática no contexto da sala de aula, até o final da sequência para avaliar e informar os resultados.

A sequência deve ser pensada, pois, a partir dos objetivos a serem atingidos pelos alunos e o planejamento que o professor fará para que a produção final seja efetivada, incluindo a criatividade e estratégias com o intuito de que os alunos entendam melhor sobre o conceito e as configurações do gênero textual escolhido (KOBASHIGAWA *et al.*, 2008).

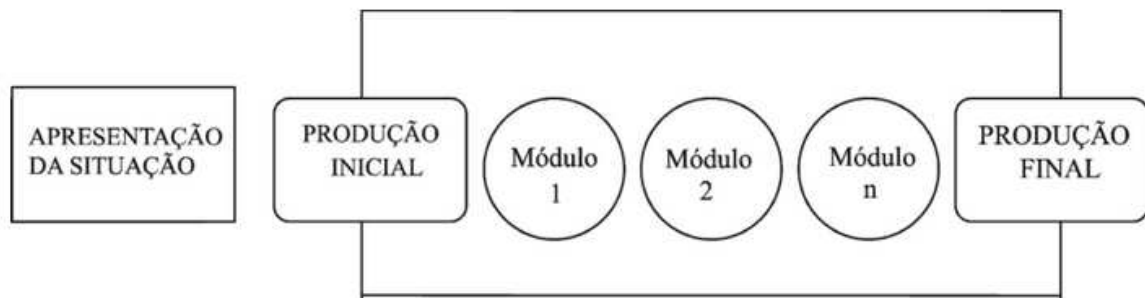
É preciso pensar e repensar para construir os momentos da SD, visto que trabalhar somente um gênero textual pode ser cansativo. Então, o docente precisa pesquisar, estudar melhor o tipo de texto escolhido para ter criatividade em criar os módulos da SD e para ser mais prazeroso para o aluno que está estudando em sala de aula. Dolz; Noverraz; Schneuwly (2010a, p. 82), afirma que

Criar contextos de produção precisos, efetuar atividades ou exercícios múltiplos e variados: é isto que permitirá aos alunos apropriarem-se das noções, técnicas e instrumentos necessários ao desenvolvimento de suas capacidades de expressão oral e escrita, em situações de comunicação diversas. É esse o desafio a que se propõe esta coleção.

Nesse contexto, é interessante o docente produzir exercícios que complementam o aprendizado do discente. Recomenda-se ao docente que não fique preso aos conteúdos e exercícios dispostos no LD; é um desafio para ele, mas ao mesmo tempo, leva o profissional a ser mais criativo e a planejar formas de se chegar ao resultado esperado. A escolha da produção de uma SD é uma maneira de mostrar aos alunos a diversidade da aprendizagem, pois esse enfoque permite aos alunos uma nova abordagem do conteúdo disposto no livro didático e, com isso, eles têm a possibilidade de ter aulas com uma roupagem nova. (DOLZ; NOVERRAZ; SCHNEUWLY 2010a).

Mas, para que o docente tenha sucesso com a metodologia da SD, é imperativo que ele a conheça, a fim de que fique claro cada etapa e o que deve ser feito em cada momento. Segundo os autores, ela deve seguir o seguinte esquema:

Figura 1 - Esquema da Sequência Didática



Fonte: Dolz, Noverraz; Schneuwly (2010a, p. 83).

A primeira etapa é chamada de *apresentação da situação*. Nela o professor irá explicar aos alunos o que ele quer que seja feito de forma minuciosa, preparando-os para a produção final afirmando se será individual ou em grupo, se será apresentada oralmente ou por escrito; expor o gênero textual explicando o que é, como se configura, e, em seguida, solicitar a produção do gênero em questão para ter a ideia do que precisa ser feito para ser melhorado (DOLZ, NOVERRAZ; SCHNEUWLY, 2010a). Ainda nesse momento, tem a *primeira produção* no qual os alunos irão produzir “[...] um primeiro texto oral ou escrito [...]” e a partir disso, nortear o professor na produção dos módulos para a SD diante das dificuldades apresentadas (DOLZ, NOVERRAZ; SCHNEUWLY, 2010a, p. 86).

Partindo para os módulos, o docente irá adentrar as configurações do gênero textual escolhido. Na primeira produção, os discentes ainda estão conhecendo de forma superficial o tipo de gênero textual e agora, terão a possibilidade de se aprofundar em suas características estruturais e linguísticas que o gênero textual pode apresentar e, assim, “[...] estarão mais preparados para realizar a produção final.” (DOLZ, NOVERRAZ; SCHNEUWLY, 2010a, p. 87).

A função principal de separar o ensino do gênero textual em módulos é facilitar a aprendizagem do aluno, e como afirma Dolz, Noverraz; Schneuwly (2010a, p. 87), “[...] abordar, um a um e separadamente, seus diversos elementos [...]” sempre visando à produção final do tipo de texto escolhido pelo docente. Por isso, o docente irá estruturar os módulos, acrescentar atividades que ajudem os alunos a entenderem melhor o que precisa ser melhorado, o que deve ser feito, entender como o gênero se comporta.

Ainda na produção dos módulos, os próprios autores propõem uma atividade diversificada porque, “além da alternância, bem conhecida, de um trabalho com toda a turma, em grupos ou individual, o princípio essencial de elaboração de um módulo que trate de um problema de produção textual é o de variar os modos de trabalho” (DOLZ, NOVERRAZ; SCHNEUWLY, 2010a, p. 90).

Por fim, na *produção final* da SD, os alunos irão colocar em prática tudo o que foi aprendido durante os módulos. O professor poderá escolher como será avaliado o trabalho dos discentes como ele quiser, deixando claro que os conhecimentos serão somativos e acumulativos nesse processo. É importante que o docente pense em critérios que contemplem o que foi aprendido durante os módulos e que deixe claro “[...] que esse tipo de avaliação será realizado, em geral, exclusivamente sobre a produção final” (DOLZ, NOVERRAZ; SCHNEUWLY, 2010a, p. 91).

Após tudo o que foi exposto sobre a SD, no próximo capítulo apresentamos uma proposta de SD sobre o gênero *crônica* cujo foco principal é desenvolver os eixos da leitura e da escrita com base na perspectiva da interdisciplinaridade, à luz de Dolz, Noverraz; Schneuwly (2010a), para que os professores possam usar como uma forma de aprendizagem estratégica para o ensino de gêneros textuais além de poder ser adaptada para suas diferentes realidades.

4 PROPOSTA DE SEQUÊNCIA DIDÁTICA

CRÔNICA: UM CRUZAMENTO DE SABERES DO COTIDIANO

Disciplina: Língua Portuguesa

Eixos Norteadores:

- a) Leitura;
- b) Escrita;
- c) Análise linguística.

Introdução

Sabe-se do valor dos gêneros textuais em sala de aula e da importância deles nas aulas de LP. Por isso, o gênero textual *crônica*, escolhido para essa proposta, é interessante para que os alunos possam ampliar seu entendimento acerca da realidade ao seu redor e melhorarem a escrita, devido à sua característica de poder se modificar de acordo com a intenção do autor.

Com a SD, os professores podem usar de estratégias e da criatividade para que os discentes possam compreender melhor os conteúdos, fazendo uso de módulos, o que poderá melhorar a aprendizagem. Por fim, o uso desta SD possibilitará aos discentes o conhecimento da cidade onde estuda ou mora, além de poder aprender sobre um gênero textual e ampliar sua leitura e escrita.

Objetivo Geral:

Direcionada aos professores, a sequência didática proposta tem como objetivo contribuir para a melhoria da escrita dos alunos em sala de aula através da abordagem interdisciplinar do gênero textual *crônica* e capacitá-los para uma leitura mais crítica da sociedade por meio desses textos.

Objetivos Específicos:

- Conhecer a história da cidade de Cajazeiras – PB;
- Desenvolver a habilidade de reconhecimento do gênero textual *crônica*;
- Ler diversos tipos de *crônicas* para ampliar o entendimento do gênero textual;
- Praticar a escrita do gênero textual *crônica* em sala de aula.

Ano de aplicação: 9º Ano do ensino fundamental

Duração: Quatorze aulas (14h/a)

Conteúdos:

- a) Gênero textual *Crônica*;
- b) Aula sobre a história da cidade de Cajazeiras – PB.

Material utilizados:

- *Notebook*, caixa de som, *pen drive*, *Data Show*;
- Cadernos, folha A4, lápis, canetas, borrachas;
- Vídeos, filme;
- Crônicas do livro: “Os Baobás do Pirulito”, da autora Veruza Guedes.³

DESENVOLVIMENTO DA SEQUÊNCIA DIDÁTICA

Apresentação da situação e produção inicial – 2 h/a

Nesse primeiro momento da SD, o professor iniciará a aula falando com os alunos sobre o gênero textual escolhido, a *crônica*. Pedirá aos discentes que tenham atenção para que entendam o assunto, anotem o que entenderam e perguntem caso tenham alguma dúvida. Depois disso, explicará o assunto sobre o gênero textual *crônica*, sua definição, como se configura, seu formato, contextos de produção, características genéricas, interlocutor, *etc.*

É preciso deixar claro aos alunos sobre a importância desse assunto e que deverão guardar suas anotações para as próximas aulas, pois vão ser expostos outros assuntos para compor uma produção final. É importante que o docente apresente brevemente quais serão os próximos assuntos a serem abordados para eles.

Produção Inicial⁴:

Após a explicação, o professor irá pedir aos alunos que escrevam uma *crônica*, tomando como base a seguinte temática: CAJAZEIRAS, UMA CIDADE DE VALOR. Eles produzirão sua *crônica* com base nos conhecimentos prévios que têm sobre a cidade, seu cotidiano, sendo necessário devolvê-la ao final da aula.

³ Veruza Guedes é autora cajazeirense e no livro citado, ela escreve crônicas com tons nostálgicos sobre a cidade durante a juventude, com momentos e personagens que viveram junto dela. O motivo da escolha desse livro é facilitar o trabalho do professor com textos que se referem à cidade explorada na SD.

⁴ O planejamento dos módulos da Sequência Didática tomará como base as dificuldades dos alunos para a produção da crônica (produção inicial).

1º MÓDULO (3h/a):**TRILHANDO PELA HISTÓRIA DE CAJAZEIRAS-PB**

Ao iniciar esse módulo, é interessante frisar que a produção inicial feita pelos alunos foi importante para o planejamento desse momento. O professor começará apresentado em sala um panorama geral sobre a formação da cidade de Cajazeiras – PB, para que eles possam comparar o antes e o depois dos lugares que visitaram. Por isso, será convidado um professor de História para que ele converse sobre o assunto, apresentando, em um *Data Show*, imagens e dados sobre população *etc.* Assim, terá um espaço para *interdisciplinaridade* entre as duas disciplinas.

Após essa explanação, o professor irá falar que esse conteúdo será importante para os alunos, porque ao final dessa sequência de atividades, eles irão escrever novamente uma *crônica*, cujos aspectos e características serão aprofundados nas próximas aulas.

Depois dessa aula e para adentrar na história sobre a cidade, o professor irá levar seus alunos a um passeio pela região conhecendo pontos importantes como: o Açude Grande, Tênis Clube, Colégio Nossa Senhora de Lourdes, Igreja Nossa Senhora de Fátima, Colégio Diocesano, dentre outros lugares que pertencem à história do município.

Sugestão de atividade:

Para a atividade desta primeira etapa, o professor irá pedir aos alunos que preencham uma ficha, que será entregue a eles, com o nome dos locais, personalidades e a própria história da cidade de Cajazeiras – PB. Nessa ficha, irão escrever do que sabiam, se conheciam alguém citado, ou se já foram a algum dos lugares que conheceram. Esse exercício servirá de suporte para a produção final, na qual os discentes poderão usar os nomes indicados na ficha para escrever a *crônica*.

*Sugestão de ficha para a atividade proposta⁵

Após a aula do professor de História acerca da cidade de Cajazeiras- PB, o que vocês podem falar sobre:

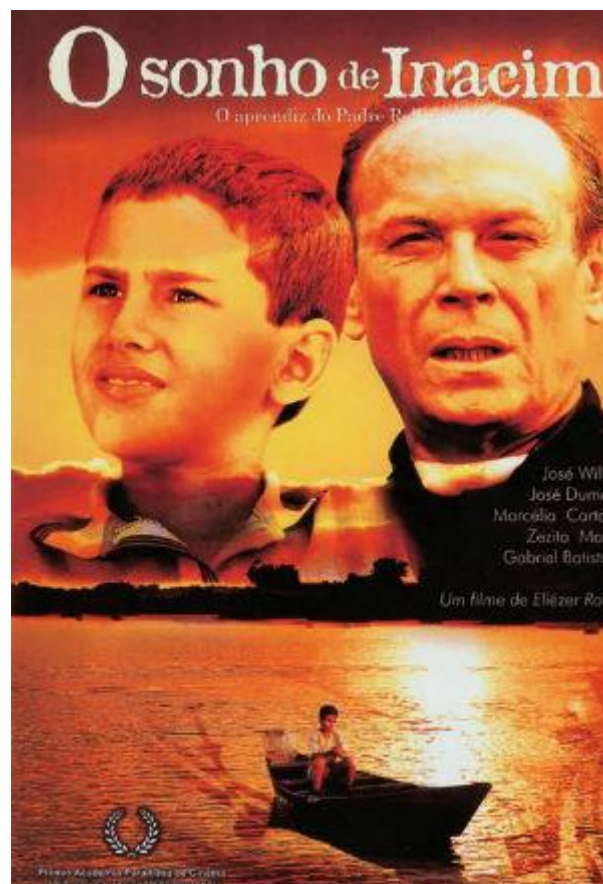
- a- A Fazenda Cajazeiras;
- b- O motivo da construção do Açude Grande;
- c- A história do Padre Rolim;
- d- A educação na cidade de Cajazeiras – PB;
- e- Sobre a Matriz Nossa Senhora de Fátima.

- g- Que Padre Cícero Romão Batista já estudou em sua escola: () sim () não
- h- Que Dom Moisés Coelho foi bispo da cidade: () sim () não

2º MÓDULO (3h/a):

CINE CIDADE: O SONHO DE INACIM

Figura 2 – Cartaz do filme



⁵ A ficha sugerida poderá ser entregue antes da aula do professor de História, assim os alunos poderão marcar o X nos lugares e nas pessoas que já conhecem. Após a exposição do professor, os discentes farão a marcação com os conhecimentos adquiridos.

Fonte: Imagem Disponível em: <https://www.adorocinema.com/filmes/filme-197975/> Acesso em: 30 ago. 2022

Nessa segunda etapa, o professor fará uma sessão de cinema em sala de aula com o filme “O sonho de Inacim”⁶, filmado na cidade de Cajazeiras – PB, que conta um pouco sobre a história do Padre Rolim. Um destaque do filme é a procura de Padre Rolim por alunos para sua escola. Além disto, o filme explora vários cenários ainda hoje conhecidos pelos alunos, como a Câmara dos Vereadores, o Açude Grande e o Colégio Diocesano, que podem servir de gatilho para discussões posteriores.

Como atividade para este segundo módulo, o professor irá abrir uma conversa, colocará as cadeiras em círculo para poder perguntar aos alunos o que acharam do filme, qual foi a importância do Padre Rolim para a educação da região. Por fim, irão fazer, por escrito, um resumo geral do longa metragem exibido em sala de aula.

3º MÓDULO (2h/a)

LIXO: UM PROBLEMA DE TODOS

Nessa quarta etapa, o professor irá apresentar em formato de *slide*, a crônica “O Lixo”⁷, de Luís Fernando Verissimo. Irá ler de forma dinâmica, podendo escolher dois alunos para fazerem o papel dos personagens e também apresentar a adaptação em vídeo para que os alunos vejam as diferenças nas duas obras. É interessante destacar o aspecto crítico que ela apresenta, sobre o lixo. Aqui, o professor irá relembrar as características e um pouco da história do gênero textual *crônica* e como ela chegou ao formato atual. Além do texto escrito, o professor irá exibir em vídeo a adaptação da referida crônica, disponível no *You Tube*.

Como atividade desta etapa, o professor poderá pedir aos alunos que escrevam as diferenças e as semelhanças presentes nas duas obras, a escrita e a adaptação, apontando diferenças entre os dois gêneros.

4º MÓDULO - PRODUÇÃO FINAL (2h/a):

CRÔNICA: A HORA DA VERDADE

Depois de tudo o que foi aprendido, através dos exercícios feitos pelos alunos, é hora da produção final. O professor irá pedir que os discentes reúnam o que foi escrito nas fichas,

⁶ Filme: *O sonho de Inacim*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IWMmqTegdnY>.

⁷ Adaptação da *crônica* “O Lixo”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LXxRjootpy4&t=3s>.

resumos e mapas mentais para que eles relembrem o que fora trabalhado nos módulos anteriores, a fim de que produção a *crônica* seja realizada por eles.

Antes da produção do texto, o docente irá repassar para eles os critérios de avaliação e lembrá-los do tema: CAJAZEIRAS, UMA CIDADE DE VALOR, que deverá ser o ponto central da escrita da *crônica*. Os alunos deverão seguir os seguintes critérios:

1. Usar a escrita na norma padrão da LP;
2. Desenvolver o texto com no mínimo três parágrafos;
3. Tomar como apoio os registros feitos durante os módulos;
4. Inserir na *crônica* personagens humanos;
5. Usar o mesmo título da Produção Inicial, se for o caso;
6. Entregar o texto ainda em sala de aula.

Observação: Com as *crônicas* corrigidas, se for necessário, o professor irá devolver os textos aos alunos para que procedam com uma última revisão, como forma de sanar alguns aspectos que possam estar prejudicando o texto. Esse momento de reestruturação do texto possibilitará ao aluno sentir-se mais seguro em relação a sua produção.

Exposição on-line: O professor poderá fazer uma conta no blog ou na rede social *Instagram* e postar os textos, corrigidos, para que outros colegas, direção e pais de alunos possam ler e interagir com essas *crônicas*, comentando, curtindo e compartilhando em outras redes sociais.

AVALIAÇÃO FINAL:

Para a avaliação final desta SD, o professor irá levar em conta a participação dos alunos nas aulas, durante os exercícios ao preencherem as fichas, ao montarem o mapa mental, ao participarem da conversa sobre o filme “O Sonho de Inacim” e também na produção final do gênero textual *crônica*.

É interessante que o docente leve em conta o que os alunos aprenderam dos conteúdos a partir das atividades propostas para cada módulo, porque isso levará a uma produção final com menos erros e, certamente, o aprendiz terá somado mais conhecimento sobre a *crônica* e sobre o tema que tratou na sequência, no caso sua cidade. Por fim, essa soma de conhecimentos é importante para que eles entendam sobre o processo de aprendizagem, que não é feito de forma rápida, mas gradual e sistemática, respeitando o tempo e os saberes de cada aprendiz.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É evidente que existe um trabalho constante para aperfeiçoar o ensino escolar, para que os professores se empenhem e dinamizem suas aulas, com o intuito de que os alunos possam estar mais confortáveis para abraçar novas oportunidades. Dessa maneira, a escola tem papel fundamental nesse processo. É importante que ela esteja aberta a novas possibilidades no ambiente escolar.

Nesse contexto, a presente pesquisa apresentou primeiramente um percurso sobre a língua que se fala, a memória da sociedade e a interdisciplinaridade e como isso pode ser discutido com o intuito de ser inserido em sala de aula, para que torne o ensino e o estudo mais eficientes para os dois lados, professores e alunos, contribuindo, assim, para práticas mais significativas em sala de aula.

A partir dessa relação, destacamos que ainda é possível perceber que as escolas, e também alguns professores, estão vinculados a um ensino tradicional, voltado para o estudo gramatical e suas regras somente. Esse é o motivo de muitos discentes não gostarem da disciplina e não verem motivos de estudá-la já que não observam, nas aulas, o seu cotidiano.

Adiante, falamos de forma mais profunda sobre os gêneros textuais à luz de teorias da Linguística contemporânea, ressaltando que os gêneros textuais estão por todo lado: na lista telefônica, nos documentos pessoais e em vários domínios; muitos deles não são ensinados nas escolas, mas são usados no cotidiano de muitas pessoas. Por isso, é importante que o trabalho de LP esteja pautado neles.

Desse modo, nesta pesquisa foi possível perceber que o trabalho interdisciplinar se apresenta como uma opção a ser explorada, em sala de aula, por proporcionar aos alunos um outro olhar sobre a cidade em que vivem, ao ser mediado pelo professor, por exemplo, um passeio escolar diferenciado pela cidade a fim de que os aprendizes possam perceber situações que antes passavam despercebidas, relacionando diversos saberes.

Partimos, assim, em defesa do debate sobre a história e vivências locais dos aprendizes em sala de aula como forma de contribuir para o desenvolvimento de sua competência comunicativa; a história da formação do Brasil é sempre lembrada nas escolas, mas a da cidade onde o aluno vive, geralmente é deixada de lado. No caso da cidade onde essa pesquisa foi desenvolvida, Cajazeiras – PB, vemos em sua história importante instrumento a ser debatido em sala de aula, pois circula em suas ruas um relato interessante ligado à religiosidade e à educação que é significativo para o município.

Dessa maneira, o conteúdo histórico pode ser considerado para as aulas de LP como formação dos alunos e conhecimento da cidade em que vivem. Ela está no nome das ruas, das escolas e de igrejas, mas ninguém nota ou se pergunta o motivo. Assim, a interdisciplinaridade considera a hipótese de não considerar o LD como único detentor de informação.

Um ensino pautado na interdisciplinaridade é visto como uma estratégia que pode unir algumas disciplinas escolares e que, juntas, podem construir planos de aprendizagem para a sala de aula, integrando assuntos que dialogam.

No que se refere ao gênero textual *crônica*, foi discutido sobre sua origem e sua relação com o tempo. Passou por mudanças ao longo dos anos, primeiro sendo apenas registros de situações do dia a dia e, por fim, hoje ela está nas salas de aulas em diferentes formatos e contando várias histórias, podendo ter diversos estilos, como lírico, narrativos, ensaios e dentre outros.

A *crônica* foi tomada como um gênero textual interessante para ser melhor explorado em sala de aula, visto que suas configurações permitem que esse gênero textual possa ser moldado de acordo com a intenção do autor. Diante dessas possibilidades, os docentes podem contribuir com o desenvolvimento da criatividade dos alunos ao instigá-los a escrever sobre seus cotidianos.

Partindo disso, propusemos o trabalho em sala de aula com uma SD, uma das metodologias mais produtivas para a sala de aula. Dividida em momentos, a SD é um método no qual são pensadas atividades para facilitar a aprendizagem do aluno quanto ao conteúdo, no caso a *crônica*.

Na SD foram planejados momentos que incluem aulas sobre a história da cidade com um professor da disciplina e sobre o gênero textual *crônica*, passeio escolar pela cidade, conhecendo pontos que fazem parte da formação da cidade, além de apresentação de um longa-metragem filmado em Cajazeiras – PB, tudo isso para proporcionar aos aprendizes conteúdos para produção de uma *crônica*.

Por fim, ficou claro que os docentes, não só de LP, como os de outras áreas, devem promover práticas que levem seus alunos a refletirem sobre sua condição de cidadão, sobretudo, por serem capazes de perceber a função social dos conteúdos escolares para suas vidas e como eles se relacionam. Ao pensarem em estratégias que não precisam estar somente voltadas para conteúdos pontuais da sala de aula, o professor consegue transpor as fronteiras dos conteúdos, das matérias, desenvolvendo nos aprendizes diversas capacidades, tanto na leitura quanto na escrita, pautadas nas práticas sociais em que eles estão inseridos, tornando a escola um lugar rico e prazeroso.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, E. T. **Obra do Padre Rolim**: Edição comemorativa aos 200 anos de nascimento do Padre Inácio de Sousa Rolim. Brasília: Senado Federal, 2000.

ALBUQUERQUE, S. F. **Práticas de leitura em Cajazeiras PB (1930-1950)**: memórias de ex-professoras. 2010. 96 fl. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2010.

BACURAU. Direção: Kleber Mendonça Filho, Juliano Dornelles. Produção de Emilie Lesclaux. Brasil: Vitrine Filmes, 2019. Aplicativo de Streaming.

BARROS, J. D'A. História e memória – uma relação na confluência entre tempo e espaço. **MOUSEION**, v. 3, n. 5, p. 35-67, Jan-Jul/2009. Disponível em: https://revistas.unilasalle.edu.br/documentos/documentos/Mouseion/Vol5/historia_memoria.pdf. Acesso em: 16 jul. 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 27 jul. 2021.

BRASIL, Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: língua portuguesa. Secretária da Educação Fundamental. – 3. ed. Brasília: A secretária, 2001.

BENDER, F.; LAURITO I. **Crônica**: história, teoria e prática. São Paulo: Scipione, 1993.

CANDIDO, A. A vida ao rés-do-chão. In CANDIDO, A. **A crônica**: sua fixação e suas transformações no Brasil. Campinas: UNICAMP/ Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 1992, p. 13-22.

COSTA FILHO, J. A. D. **Reestruturação urbana de cajazeiras** – PB influenciada pela implantação e expansão do setor de ensino superior. 2015. 90f. Monografia (Graduação em Geografia) – Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), Cajazeiras – PB. 2015. Disponível em: <http://www.cfp.ufcg.edu.br/geo/monografias/JOAQUIM%20ALVES%20DA%20COSTA%20FILHO.pdf>. Acesso em: 06 jan. 2022.

COSTA, S. R. **Dicionário de gêneros textuais**. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

COUTINHO, A. **A literatura no Brasil**: teatro, conto, crônica, a nova literatura. Rio de Janeiro: Sul Americana S/A, 1971.

DOLZ, J.; SCHNEUWLY, B. Os gêneros escolares – das práticas de linguagem aos objetos de ensino. In: DOLZ, J.; SCHNEUWLY, B. **Gêneros orais e escritos na escola**. Trad. Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2010b. p. 61-78.

DOLZ, J.; NOVERRAZ, M.; SCHNEUWLY, B. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: SCHNEUWLY, B; DOLZ, J. **Gêneros orais e escritos na escola**. Trad. Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2010a. p. 81-108.

FAZENDA, I. C. A. **Interdisciplinaridade: história, teoria e pesquisa**. 15. ed. Campinas: Papirus, 2008.

FERRO, M. A **História Vigada**. Trad. Doris Sanches Pinheiro. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

FONTEL, E. da S. **O gênero crônica: um estudo sob o enfoque da teoria da estrutura retórica em interface com a linguística textual**. 2019. 213fl. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais, 2019.

GASPARELLO, A. M. Construindo um novo currículo de História. *In: NIKITIUK, S.L. (Org). **Repensando o ensino de História***. São Paulo: Cortez, 1996. p.77-91.

GUEDES, V. **Os baobás do pirulito**. Cajazeiras: Arribaça, 2019.

GOMES, E. S. L.; CAMPOS, L. S. Padre Inácio de Sousa Rolim: sua influência na cultura sertaneja de 1800-1899. **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais**, v. 4, n. 8, p. 80-94, dez. 2012., Disponível em: <https://periodicos.furg.br/rbhcs/article/viewFile/10503/6845>. Acesso em: 27 maio 2020.

GOMES, E. S. L. Padre Inácio de Sousa Rolim: O educador/sacerdote e as estruturas de sensibilidade. **Religare: Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões da UFPB**, [S. l.], v. 10, n. 2, p. 109–120, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/religare/article/view/17475>. Acesso em: 11 dez. 2021.

KOBASHIGAWA, H. A. *et al.* **Estação Ciência: formação de educadores para o ensino de ciências nas séries iniciais do ensino fundamental**. *In: IV Seminário Nacional ABC na Educação Científica Mão na Massa*, 2008, São Paulo. Programa ABC na Educação Científica – Mão na Massa. p. 212 – 217.

KOCH, I. V.; ELIAS, V. M. **Ler e escrever: estratégias de produção textual**. São Paulo: Contexto, 2009.

LOBRATO, V. da S. Educação, memória e história: possíveis enlaços. **Margens**, Tocantins, v. 6, nº. 1, p. 77 - 96, ago. 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/revistamargens/issue/view/149>. Acesso em: 20 jul. 2022.

MARCURCHI, L. A. **Gêneros textuais: conceituação, constituição e circulação**. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2002.

MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros textuais e compreensão**. São Paulo: Cortez, 2008.

MORAES, M. C. **O paradigma educacional emergente**. 16. ed. Campinas, SP: Papirus, 1997.

OLIVEIRA, M. M. de. **Sequência Didática Interativa no Processo de Formação de Professores**. Petrópolis: Vozes, 2013.

PIRES, H. **Padre Mestre Inácio Rolim: um trecho da colonização do norte brasileiro e o padre Inácio Rolim.** 2. ed. Teresina: Gráfica Estado do Piauí, 1991.

PÓLVORA, H. **Graciliano, Machado, Drummond e outros.** Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975.

POMBO, O.; GUIMARÃES, H. M.; LEVY, T. **A Interdisciplinaridade Reflexão e Experiência.** Lisboa: Ed. Texto, 1993.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. **Metodologia do trabalho científico: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico.** 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

ROSA, A. A. C. da. **Novos letramentos, novas práticas?** Um estudo das apreciações de professores sobre multiletramentos e novos letramentos na escola. 2016. 203f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem. – Campinas, SP, 2016.

SÁ, J. de. **A crônica.** São Paulo: Ática, 2008.

SHARPE, J. A história vista de baixo. *In*: BURKE, P. **A escrita da História: novas perspectivas.** Trad. Magda Lopes: São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.p.39-62.

SILVA, D. M. da. **A Construção do Projeto Político-Pedagógico de Uma Escola Pública do Sistema Municipal de Ensino do Alto Sertão Paraibano: análise de uma experiência.** 2008, 207fl. Dissertação (Mestrado em Ciências da Educação) - Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. Departamento de Ciências Sociais e Humanas, Área de Ciência da Educação, Lisboa, 2008.

SILVA, I. G. da. **Os prefeitos de Cajazeiras.** Teresina- PI: Halley S.A Gráfica e editora, 2014.

SOUZA, F. S. de. **Patronos & Patronesses.** João Pessoa: Mídia Gráfica e Editora, 2019.